

MAS AFINAL, O QUE É DOCUMENTÁRIO

Aluna: Heloneida da Matta
Orientadora: Angeluccia Bernardes Habert

Introdução

Esta comunicação faz parte do projeto Imagens e representações da realidade – realização do filme documental hoje, tendo como eixo de pesquisa Vocação do poder: as práticas políticas e as imagens de jovens políticos. A pesquisa procura discutir, no momento, o que é documental. Se antes a pergunta “Mas afinal, o que é documental?” poderia ser facilmente respondida, hoje, no entanto, há uma grande dificuldade por parte dos críticos e cineastas em conceituar o gênero. Segundo alguns especialistas, não há uma definição capaz de abarcar todos os filmes documentais e os conceitos até então formulados derivam muito mais de uma tentativa em entender os documentários, do que conceituá-los propriamente.

A dificuldade reside no fato de nunca ter havido uma intenção em criar uma tradição documental. No momento em que surgem os primeiros filmes documentais, os diretores estavam muito mais preocupados em explorar as possibilidades que o cinema oferecia, por ser considerada uma arte nova, uma invenção sem futuro, do que em criar uma estética, um gênero cinematográfico.

A saída encontrada por alguns críticos e diretores foi tentar definir o documental pelo seu contraste, nesse caso, as regras que norteiam os filmes de ficção. No entanto, tal hipótese confronta-se com outra teoria: todo filme é um documental. A afirmação sustenta-se na capacidade indexadora da câmera, que permite o registro fílmico de qualquer evento, independentemente dele ser fictício ou não. Seguindo a linha de raciocínio, os verbos ‘documentar’ e ‘registrar’ aparecem como sinônimos.

Todavia, não se pode ignorar uma última indagação: se todos os filmes são documentários, o que distingue os documentários dos filmes de ficção? Nesse ponto, retomase a questão inicial: “Mas afinal, o que é documental?”.

Objetivos

Delimitar as regras que norteiam os filmes documentais, partindo da premissa de que os conceitos e as teorias até então estabelecidos são incapazes de abarcar todos os documentários. Além disso, mostrar como as definições do gênero são sempre comparativas, muitas vezes resultante do contraste com os filmes de ficção. A pesquisa se concretiza no documental *Vocação do Poder* (2005), de Eduardo Escorel e José Joffily, onde a existência do roteiro, elemento corrente na ficção, é colocado à prova quando se analisa aspectos como espontaneidade, imprevisibilidade e o registro do processo eleitoral.

Metodologia

Para estudo teórico sobre filmes documentais foram consultados os livros: *Introdução ao documental*, de Bill Nichols; *Espelho Partido*, de Silvio DA-RIN e *Cinema do Real*, de Amir Labaki e Maria Dora Mourão. As técnicas de filmagens de Eduardo Escorel e José Joffily foram diferenciadas através da filmografia dos dois diretores: *Ato de Violência* (1979), *Primeira Página* (1982), *O cavaleiro azul* (1984), *Vocação do Poder* (2005), *J.* (2008), *O chamado de Deus* (2000) e *Dois perdidos numa noite suja* (2002).

Conclusões

Diferentemente de outros gêneros cinematográficos, as características dos filmes documentais não se apresentam com rigidez, o que deriva, em parte, uma grande imprecisão em defini-los. Alguns especialistas são categóricos em afirmar que não há uma definição capaz de abarcar todos os documentários, e que qualquer conceito formulado não representa mais do que uma tentativa em compreender sua essência.

Nota-se então que os limites que separam ficção e documentário são tênues, já que práticas e convenções associadas à ficção, como roteiro, encenação, ensaio, reconstituição e interpretação migram para o campo documental; enquanto recursos documentais como uso de câmeras portáteis, não-atores, filmagens externas, improvisação, imagens de arquivo, voz de Deus e legendas superpostas à imagem invadem à ficção.

Em *Vocação do Poder*, a grande discussão acerca do que é documentário gira em torno da captação do inesperado. Ao considerar o documentário como cinema do real pressupõe-se a inexistência do roteiro, uma vez que a história contada não é fruto da imaginação do diretor, mas uma reprodução do acontecimento. Assim, o filme amplia o debate sobre a possível existência de roteiros em filmes documentais.

Vocação do Poder mostra os bastidores da campanha de seis candidatos que disputam, pela primeira vez, uma vaga na Câmara Municipal do Rio durante as eleições de 2004. O documentário foi gravado em 42 dias, entre o final de abril e o início de outubro. O material completo reúne 89 horas sobre os mais diferentes eventos da campanha. No dia 3 de outubro a equipe de filmagem acompanhou os candidatos durante as gravações e as apurações das urnas.

A imprevisibilidade também aparece como um elemento diferenciador, já que situações que fogem ao domínio do diretor surgem em cena. Quem poderia imaginar que dois entre seis candidatos escolhidos para participar de *Vocação do Poder* sairiam vitoriosos nas eleições de 2004 para a Câmara do Rio? O resultado surpreendeu até mesmo Eduardo Scorel e José Joffily, que apostavam na vitória do candidato André Luiz.

Da mesma forma, o documentário depende de encontrar pessoas, ou atores sociais, que se revelem com naturalidade e falta de timidez diante das câmaras. Todavia, a espontaneidade dos personagens depende também da flexibilidade do diretor em aceitar que os personagens se comportem como eles mesmos, a fim de incorporar sempre novas situações ao filme.

Referências

1. DA-RIN, Sílvio. **Espelho partido**. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.
2. NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2007. 2ª edição.
3. LABAKI, Amir e MOURÃO, Maria Dora. **Cinema do Real**. São Paulo: Cosac e Naify, 2005.